

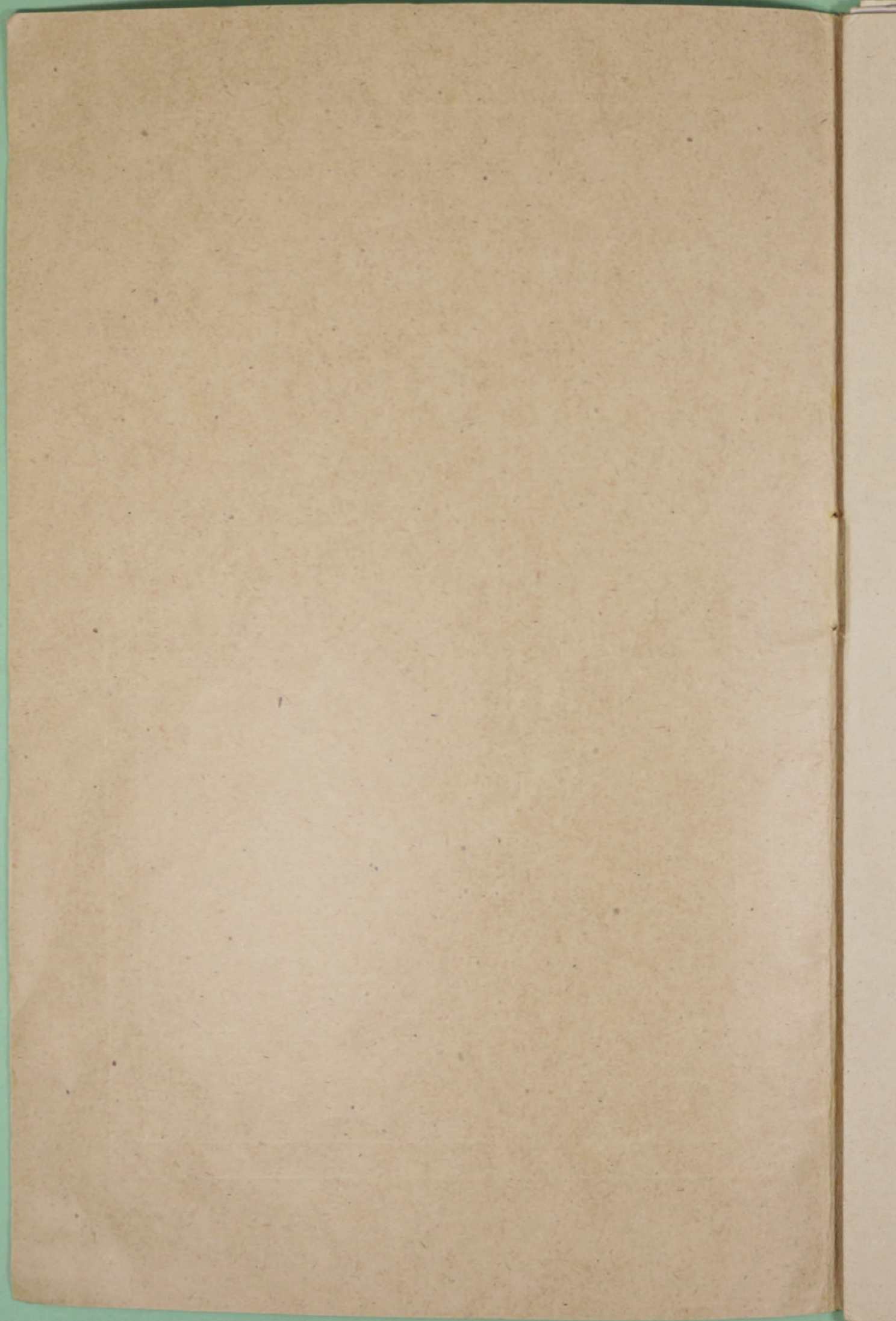
RAZÕES PARA AMAR

— A —

FRANÇA EM GUERRA



1918



- RAZÕES -  
PARA AMAR  
A FRANÇA  
EM GUERRA



RAZÕES PARA AMAR  
——— A ———  
FRANÇA EM GUERRA



1918



RAZÕES PARA AMAR  
A FRANÇA EM GUERRA

(*A França pacífica - A França héroica - A França libertadora*).

Sabemos que amaes a França.

Por cima dos oceanos chegou-nos o echo das estrophes dos vossos poetas, dos discursos dos vossos oradores, das moções das vossas assembléas.

Esse echo nos recordou que as democracias latinas sempre acompanharam com sympathia o esforço do genio francez.

Sabem o que os nossos antepassados fizeram pelo mundo ; admiram os exemplos de coragem desinteressada que, paladinos das cruzadas ou soldados da Revolução, prodigalisaram em favor de todas as grandes causas, em todas as circumstancias da nossa historia.

Ellas louvaram, muitas vezes tambem a clareza da nossa linuagen, a brandura dos nossos costumes, o nosso gosto pelas humanidades e a nossa

compreensão da humanidade, tudo o que mostra no francez um ente feito para viver em sociedade e para combater as suas tradições, de accordo com a justiça.

Foi talvez esse ultimo traço que vossos paes mais apreciaram entre os nossos : a audacia intellectual dos nossos pensadores, cavalheiros do direito.

No fim do seculo XVIII, os adeptos da Encyclopedia, os discipulos de Mably e de Ragraal foram numerosos nas vossas universidades. Um dos livros de cabeceira de Bolivar era o « Contracto Social », que provinha da bibliotheca de Napoleão.

Emquanto Miranda combate nos exercitos revolucionarios da França, Antonio Narino traduz a nossa « *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.* »

Mais tarde, é em Lamartine e em Augusto Comte que os vossos grandes reformadores se inspiram. Nos nossos dias, enfim, são os herdeiros dos espiritos militantes da nossa raça, aquelles em quem se alliam as tendencias do nosso seculo 18 e as do seculo 19, Anatole France, Jaurès, Clemenceau, que vós quizestes receber e festejar.

O vosso pensamento esteve sempre, para nosso jubilo e nossa honra, estreitamente ligado ao nosso. Desejariamos dizer-vos, exprimindo o nosso reconhecimento, que permanecemos dignos da vossa sympathia.

A França de hoje está na altura da França de hontem. A guerra de 1914 fornece aos seus amigos novas razões de estima.

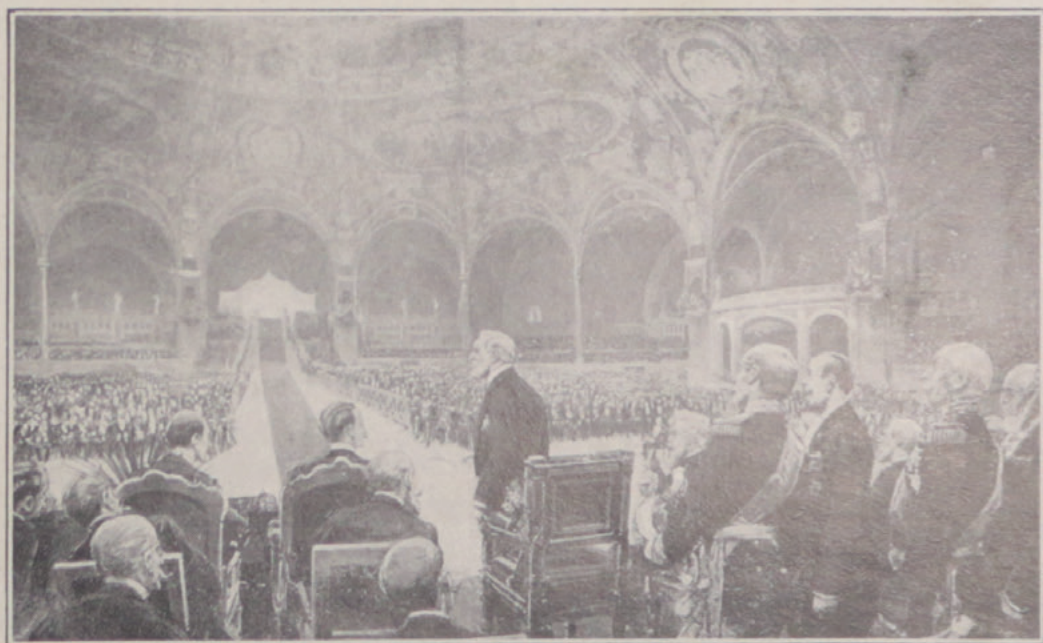
A França pacifica.

Primeiramente, a França em guerra merece a estima d'aquelles que amam a paz, porquanto,

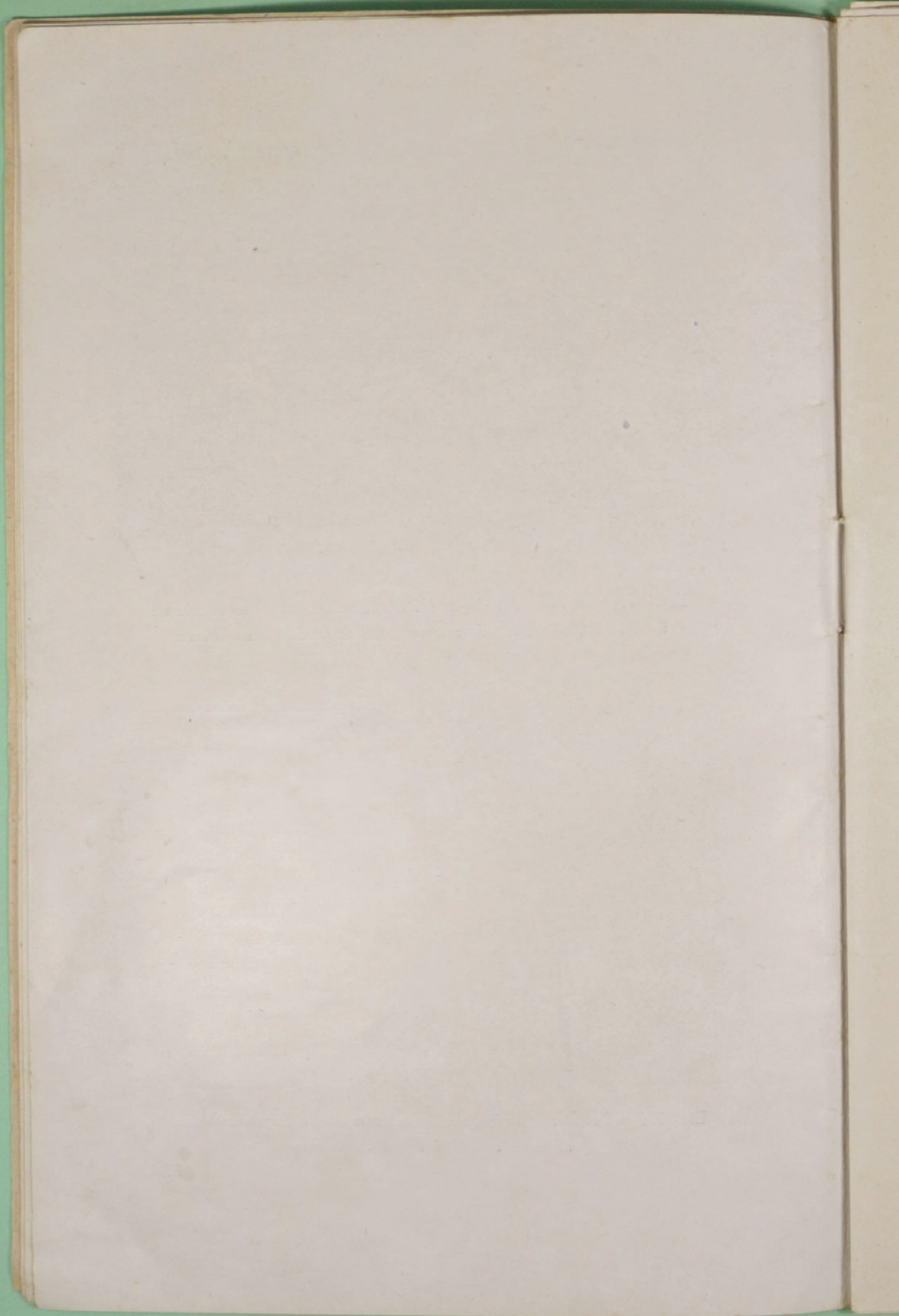




Em 1898, quando, na sua viagem à Palestina, Guilherme II se exibiu em aparato bellico preparando os seus planos de dominação no Oriente



Em 1900, o Presidente Loubet, abrindo solenemente a Exposição Universal, afirmava as intenções pacíficas da França



para salvaguardal-a, fizemos tudo quanto era humanamente possível.

O general Galliéni, que foi chamado a organizar a defesa de Paris, quando o inimigo, por marchas forçadas, d'ahi se approximava, dizia na tribuna do Senado :

« Durante 44 annos a França quiz a paz ; hoje, quer a guerra. »

*Hoje quer a guerra.* — Comprehedei : victima de uma aggressão injustificada, perfida e brutal, atrás da qual percebe o intuito do seu aniquilamento, ella se ergue com todas as forças indignadas e, para collocar o oppressor na impossibilidade de recommençar, está decidida a lutar « até ao fim. »

*Durante 44 annos quiz a paz.* — As grandes linhas da politica, tanto exterior quanto interior, revelam essa preocupação. Em nenhum momento se pôde attribuir, a qualquer dos seus homens de Estado uma palavra ou un gesto que traduzam um desejo de aggressão. O firme intento de não ensanguentar a Europa é um dos pensamentos dominantes da terceira Republica.

Na attitude que adoptou e manteve, a França teve algum merito, porquanto, desde 1870, ella, cujas bandeiras tinham conhecido, durante tanto tempo, a victoria é uma vencida. E não sómente supportou a humilhação da derrota, como foi victima de uma amputação odiosa : não obstante a vontade solemnemente manifestada pela população a Alsacia-Lorena foi destacada da mãe-patria.

Não obstante a sua derrota de 1870, a França permaneceu pacifica

Crime de lesa-humanidade que, certamente,

mereceria uma punição e devia suscitar o violento desejo da desforra.

Esse desejo não dictou, entretanto, nova orientação á nossa politica. O partido da desforra não conseguiu impôr a sua influencia nos conselhos do governo. A França occupada, primeiramente, em sanar os seus ferimentos, deixou logo desviar para outros objectivos a sua actividade readquirida.

A sua actividade exterior applica-se ás colonias.

Ella teve, sem duvida, uma politica de expansão, mas foi para as emprezas colonias que dirigiu o seu esforço. Preoccupou-se antes de tudo, de fazer penetrar a sua velha civilisação nas novas terras, de levar a sua influencia ao Extremo-Oriente ou de dilatal-a na Africa. E o novo imperio que organisou, se é uma magnifica demonstração de vitalidade, tambem claramente demonstra que a terceira Republica não se deixava hypnotisar, como se dizia, pela linha azul dos Vosges.

As suas alianças são defensivas.

A propria natureza das alianças que contráe, constitue uma prova de sua vontade pacifica. Quando sahiu do seu isolamento e achou uma aliada na longinqua Russia, foi, certamente, para a França um grande allivio. Mas não pensou, absolutamente, em aproveitar-se d'esse apoio para recommençar a guerra. A nova aliança não era absolutamente offensiva. Os contractantes se obrigavam a soccorrer um ao outro, se um ou outro fosse atacado, mas não a auxiliar-se mutuamente em conquistas ou reacquições, quaesquer que fossem. E o povo o sentia tão bem quanto os governos a sabiam. Nos escudos de que foram adornados os boulevards de Paris á passagem do almirante Avelane, a palavra que scintillava, era *Pax*.

A politica interior domina, aliás entre nós. Das liberdades politicas arrancadas ao imperio vencido o povo se quer aproveitar para erguer o nivel, tanto material quanto intellectual, da sua vida. Ao mesmo tempo que um direito universal de critica e de fiscalisação, elle exige que meios de acção positiva lhe sejam formecido se um minimo de bem-estar, condição de sua propria actividade, lhe seja garantido. Multiplicação das escolas, organisação das instituições de assistencia a de seguro sociaes, é a essas obras que a Republica concede os seus maiores cuidados e consagra uma parte, cada vez mais larga, do seu orçamento. E, para levar a termo essa obra, é-lhe necessaria a tranquillidade exterior, cumpre-lhe contar com a fraternidade dos povos, tornasse-lhe precisa a paz do mundo.

A politica interior precisa de paz.

Assim, em favor d'essa causa superior, consente em grandes sacrificios. Quantas concessões, n'estes ultimos annos, para que a Europa não se visse de novo ensanguentada! O herdeiro do vencedor de 1870, a quem ella não havia querido provocar por forma alguma, inveja, ao que parece, o imperio colonial que a França constituiu. Se ella emprehende pacificar Marrocos, baluarte occidental da Argelia, o imperador allemão desembarca theatralmente em Tanger, para prometter o seu apoio ao sultão que nos resiste. Sabe-se o que nos significava assim : a sua vontade de não permittir que nada decidissemos, d'ora avante, na Africa ou na Asia, assim como na Europa, sem o seu juizo.

As concessões da França.

Alguns annos mais tarde, novo golpe diplomatico, e mais brutal, da Allemanha : para precipitar o

A pressão alemã.

debate travado a respeito de Marrocos, envia uma canhoneira ás aguas de Agadir.

A França, d'essa vez ainda, devora a affronta ; mas, desde esse momento, comprehende a situação. O nosso povo, na sua immensa maioria, percebe que, decididamente, a Allemanha não o quer deixar tranquillo; que um dia ella provocará, e para isso espreita, indubitavelmente, a occasião favoravel.

A despeito de tudo a França esperava, fremente, que se pudesse chegar a um accordo. Não queria crer no horrivel pesadêlo. A idéa de que milhões de homens seriam lançados uns contra os outros, n'uma terrivel matança, lhe parecia demasiado absurdo e criminosa. Ninguem ousaria, pensava ella, determinar voluntariamente a catastrophe. Conversar-se-ia, far se-iam concessões, não haveria ainda lucta, d'essa vez...

A occasião procurada pela Allemanha. A Allemanha decidira de outro modo. A occasião favoravel, tão longamente procurada, fora encontrada por ella ; e, a Allemanha não a deixaria escapar. Atrás da Austria, que estrangulava a Servia, ella se erguia em armas, ameaçando a Europa e mesmo o mundo inteiro.

A responsabilidade da Allemanha, na determinação da catastrophe, não é posta hoje em duvida por quem lê os documentos diplomaticos relativos ás origens da guerra.

D'essa bibliotheca, desde já immensa, retenhamos, simplesmente duas ou tres verdades, que facilmente se provam.

A Allemanha atrás da Austria. Primeiramente, a Allemanha nada fez para contrariar a vontade bellicosa da Austria-Hungria. O famoso ultimatum, que por si só revela uma

vontade bem~ resoluta de fazer a guerra, enviado pela Austria-Hongria á Servia um mez após o attentado de Sarajevo, a 23 de Junho, foi communicado á Allemanha. O seu « brilhante auxiliar », jamais teria ousado adoptar, sem o seu assentimento, uma incitiava tão terrivel. E, lançado esse acto de desafio, a Allemanha se mostra de accordo com a Austria-Hungria, para deixal-a acceitar todas as consequencias. Nem uma só vez a Allemanha tenta deter a sua alliada no declive do abysmo. No seu *Livro Branco*, em vão procurareis o mais leve conselho de moderação ; ella não a teria deixado, entretanto, de publical-o depois, se o tivesse então enviado.

A verdade é que, emquanto a Austria se occupa em lançar o fogo á choupana servia, esse fogo que, pouco a pouco, devia fatalmente abrasar a Europa inteira, a Allemanha fica á espreita. E diz, ameaçadoramente : « Quem quizer intervir, terá de contar commigo. »

Repelle implacavelmente, todas as propostas de mediação, de conversação ou de arbitragem.

« Por tres vezes, a 26, 27 e 29 de Julho, a Inglaterra, apoiada pela França, pede que o litigio austroservio, que ameaça ensanguentar a Europa, seja submettido a uma conferencia. Por seu turno, o tzar suggere, a 29 de Julho, n'um telegramma pessoal a Guilherme II (telegramma que, naturalmente, o *Livro Branco* não publica), que se faça appello ao tribunal de arbitragem de Haya, como a Servia suggerira, a 25, na sua resposta á Austria.

Cada vez, recusa da Allemanha, divergencia brutal ou systematicas evasivas. A Allemanha não

A Allemanha repelle toda a arbitragem.

quer que se discuta ; não quer que haja arbitragem. Seria contrario, ao que parece, á idea que tem, tanto para a Austria quanto para ella propria, do direito superior, da soberania sagrada, da divindade do Estado. E para que não se falte o respeito a esse idolo, digno herdeiro de Molochs barbaros, cumprirá que se trucidem milhões de homens !

Recordae-vos d'essa circumstancia. As vossas republicas provaram, pela sua attitude na conferencia de Haya, que estavam profundamente dedicadas á causa das instituições de justica internacionaes. Lembrem-se ellas de que a Allemanha, acompanhada pela Austria, é uma declarada adversaria d'essa causa.

A Allemanha sempre foi, e d'esta vez ainda se revela, resolutamente hostile a tudo quanto tende, de perto ou de longe, para a sociedade das nações.

As invenções  
alle mãs.

Mas, para lançar-se contra nós, como é o seu designio, sem que tenhamos tempo de por-nos em guarda, cumpre-lhe, sem duvida, achar um pretexto para dar ao seu povo. Isso se fará. O seu governo inventará o que for preciso. Assim se explicam as extraordinarias queixas nas quaes o Sr. de Jagow, em Paris, o Sr. Bethmann-Hollweg, no Reichstag, fundamentam a declaração de guerra que nos lançam. Patrulhas francezas, declararam elles, tinham transporto a fronteira da Alsacia, antes de qualquer declaração de guerra ; aeroplanos francezes tinham atirado bombas sobre a linha de caminho de ferro de Nuremberg.

Lendas phantastidas, allegações já demonstradamente falsas. No que diz respeito a Nuremberg, os proprios allemães se viram forçados a reconhecê-lo. O. Dr. Schwelbe, em Maio de 1916, tendo querido





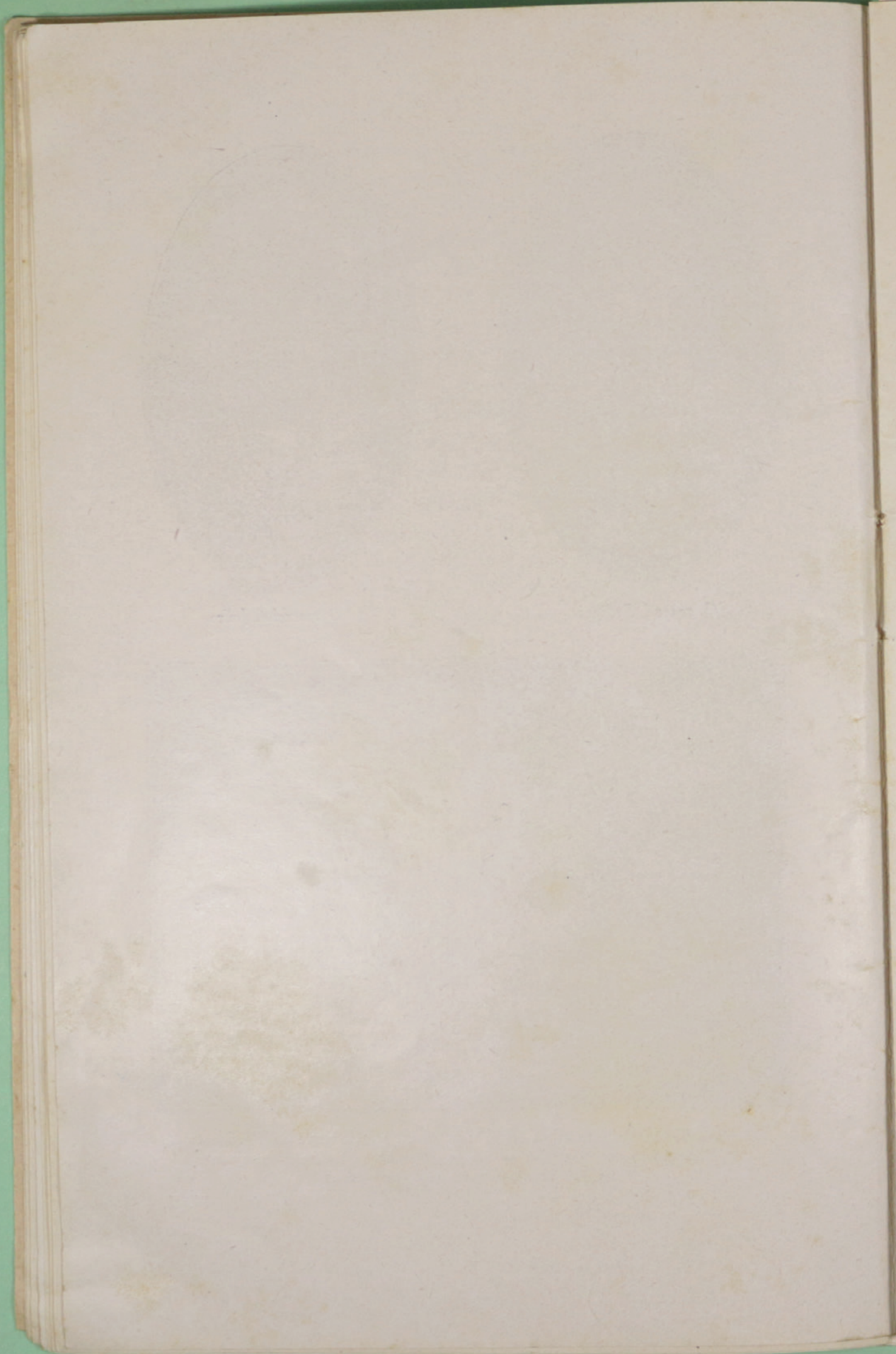
O general Gallieni



O marechal Joffre



O anniversario da Marne em 1917, o general Foch descreve ao Presidente do Conselho e aos ministros, no campo da acção, os combates engajados em Modement durante a grande batalha



conhecer a verdade, obteve das autoridades de Nuremberg a confissão de que era fundamentalmente inexacta essa asserção. Quanto ás incursões em terreno inimigo, sabe-se que, no intuito de indicar o nosso desejo de evitar todos os incidentes d'esses genero, o governo francez ordenára ás tropas que se mantivessem a 10 kilometros da fronteira.

O nosso governo accitava, assim, uma posição militarmente desvantajosa, unicamente para precisar a sua attitude moral. D'esse modo, demonstrava, ainda uma vez, ao mundo e ao nosso povo — proclamava — que elle havia feito em favor da paz todas as concessões possiveis : fiel á inspiração da democracia, cumprira o seu dever em relação á humanidade.

¶ D'essa intenção pacifica a França teve a recompensa, quando a guerra lhe foi declarada, pela magnifica attitude do seu povo, de todas as classes e de todas as provincias. De qualquer ponto de que viessem, camponezes, operarios ou burguezes, catholicos ou socialistas, crentes ou livres pensadores, bretões ou meridionaes, todos, ao appello da mãe-patria brutalizada, responderam : « presente », no mesmo tom tranquillamente resolutu.

A França heroica.

A verdadeira França se revelava ao mundo, como a si mesma. Julgavam-na irreductivelemnte dividida ; manifestou-se unanime. Julgavam-na fatigada, irremediavelmente ; mostrou-se indomavel.

A revelação da França.

Precisou, com effeito, de uma grande força, para supportar, sem desalento, as decepções dos primeiros mezes.

Sabeis por que traição a Allemanha iniciou a guerra : a invasão de um paiz neutro, de que ella propria, pela sua assignatura, garantira a neutralidade. A Allemanha lançou contra a Belgica, para obter um effeito de massa e de velocidade ao mesmo tempo, um exercito de dois milhões de homens, em que estavam incorporadas todas as suas reservas, com 4.000 canhões de campanha, 450 baterias de canhões curtos, 700 morteiros, um diluvia de homens e de ferro.

A invasão da Belgica.

Em vão os heroicos defensores de Liége procuram resistir. A onda os submerge e se alastra no rumo da França.

Cumpre-nos, pois, construir ás pressas um dique. E'-nos necessario mudar o nosso dispositivo e levar, em marchas forçadas, para o norte, exercitos que estavam a léste, do lado em que, se não tivessem procedido traiçoeiramente, deviamos esperar os nossos inimigos.

Charleroi.

Travada n'essas penosas condições, a batalha de Charleroi nos foi desfavoravel. Impunha-se a retirada.

Adivinha-se a colera, imagina-se o alarme entre nós. Os allemães podiam já suppor que cercavam um exercito exausto e iam executar a primeira parte do seu plano : decidirem, em um vez, a sorte da França, antes de atacar a Russia.

Cego orgulho : não tinham contado com a faculdade de subita e intensa resistencia de que o nosso paiz tem dado tantos exemplos. A batalha do Marne é para nós um d'esses impulsos salvadores.

Von Kluck avançava no rumo de Paris, n'uma

arremettida que parecia irresistivel. Já se podia crer que a capital ia receber os barbaros. A que bacchanaes e violencias iamos assistir ! Esse pensamento ainda nos angustia o coração. Mas von Kluck, em vez de continuar a sua investida em linha recta, obliquou para a esquerda. Obedecendo, sem duvida, aos principios tradicionaes do estado-maior allemão que exige a destruição das forças combatentes antes da tomada das cidades, perseguiu, para anniquilal-o, um exercito que os nossos inimigos julgaval desalentado ; e d'esse modo von Kluck penetra na longa linha, eriçada de baionetas, que vae de Paris a Verdun. Galliéni, recentemente nomeado governador de Paris, percebe o erro do general allemão e o assignala a Joffre, o qual logo envia Maunoury ao Ourcq, com a missão de contornar a ala direita inimiga. Os automoveis parisienses, requisitados, lhe trarão as divisões frescas de reforço.

O generalissimo lançou a sua famosa ordem : O Marne. « Não olheis mais para trás... Morrei, mas não recueis... Nenhuma fraqueza pode mais ser tolerada ». Ninguém revelou falta de energia. Embora fatigados por uma retirada de mais de quinze dias, os soldados, comprehendendo a situação, attenderam á voz do chefe, e nenhum dos exercitos, alinhados desde o Ourcq até aos Vosgos, esqueceu a sua missão. Emquanto o general de Castelnau, no Grand-Couronné, defende Nancy inviolada, e Sarrail, em torno de Verdun, resiste ás forças duplas do Kronprinz, Foch, no centro, attráe a si a guarda imperial e, finalmente, a impelle para os pantanos de Saint-Gond. Von Kluck, inquietado na sua ala

direita, viu-se forçado a retroceder. A ousada incursão dos russos na Prussia Oriental retem ahi divisões, que teriam podido reforçar a sua ala direita. A retirada de von Kluck acarreta a de todos os exercitos allemães, da direita á esquerda. Fazem, por marchas forçadas, n'um silencio ancioso, o percurso traçado, pouco antes ao som de cantos guerreiros e aos gritos de « á Paris! » Os nossos soldados têm o inebriante jubilo de perseguir o invasor pelas estradas, em que milhares de garrafas vazias attestam o amor dos allemães aos vinhos de França.

Com justiça, cremos nós, a victoria do Marne é já celebrada como uma dos grandes feitos que detiveram os barbaros. Vale Marathona, detendo os persas, a batalha dos campos catalaunicos detendo os hunos, a batalha de Poitiers detendo os mouros. E' um dos triumphos da liberdade. D'esse dia data o desabamento de plano allemão.

Está findo o sonho de humilhar Paris pelo triumphal desfilhar do « incomparavel » exercito cinzento-esverdeado, para a edificação do mundo! Está desfeita a esperança de aniquillar, em algumas semanas, o adversario do Oriente. « O principal trunfo da Allemanha, a rapidez, dizia o Sr. Jagow, lhe é arrancado das mãos ! » Claro ficou que os seus calculos eram falsos, inuteis as suas perfidias e que, mesmo sob um golpe brutal, desleamente vibrado, ella não nos podia bater.

O Aisne e o  
Yser.

Essa victoria rompeu rapidamente as azas, porquanto nós nos detivemos no Aisne. A nossa cavallaria estava exhausta ; aos nossos canhões faltavam os projectis. Mas, e é esse o ponto importante, a contar d'esse momento o exercito allemão está

immobilizado. Em vão, procura contornar a nossa ala esquerda. Os nossos fuzileiros navaes auxiliam os belgas e os inglezes n'um inolvidavel esforço de resistencia a detel-o no Iser. Os Allemães não conseguem tomar Calais, como não tinham obtido Paris. Viam-se forçados a occultar-se no sólo. Começa o periodo das trincheiras. A guerra adquire o character de uma gigantesca lucta de assedio. A « fortaleza allemã » está cercada, e o seu exercito, preparado, entretanto, para as irresistiveis offensivas, tentará em vão executar as sortidas libertadoras.

A experiencia se poderá renovar. Está feita a demonstração. O exercito allemão está immovel na nossa linha. Certamente, voltando-se para léste, ganhará ainda espaço. Hindenburg achará meio de forçar á retirada as tropas russas, desprovidas de obuzes e mesmo de espingardas ; Mackensen vingará, contra os servios, os austriacos que, tendo penetrado na Servia, tinham sido brilhantemente expellidos até á fronteira ; elle esmaga o paiz sob o fogo dos seus grandes canhões. E, mas tarde, a Rumania, quasi toda, terá a mesma sorte que a Servia.

Mesmo porém, no Oriente, o impulso allemão é contido. Se não chegamos a tempo de salvar o territorio da Servia, recolhemos tudo quanto podemos do seu exercito, em que arde o aneio da reconquista.

E, conseguindo manter-nos em Salonica, inquietamos o flanco dos exercitos imperiaes e impedimos que a Allemanha tranquillamente construa a ponte que sonhou, entre a Europa Central e o Oriente. Salonica.

A Allemanha comprehende, aliás, que a decisão

só póde ser obtida na nossa linha e que nada terá ganho definitivamente, emquanto não houver aniquillado o « principal inimigo », que desde o começo desejava esmagar.

#### Verdun.

Isso explica as répetidas offensivas contra nós. Conheceis a mais celebre : o ataque de Verdun. Depois de Paris, depois de Calais, querem tomar Verdun, que os allemães outr'ora occuparam duas vezes, onde Gœthe se installou durante a sua famosa companhia de 1972 ; Verdun, que forma uma saliencia nas nossas linhas e póde ser sempre para os nossos exercitos uma porta de sahida ; Verdun, que domina a estrada de Reims a Metz ; « Verdun, coração da França », diz o Kronprinz, que desejaria redourar a sua gloria, deante da velha cidadella.

Para garantir o seu exito — devia ser « a derradeira offensiva contra a França », dizia ao seu 15<sup>o</sup> corpo o general Daimling — tinham-se concentrado as melhoras tropas, cerca de 500.000 homens, e um material consideravel ; de todas a parte tinham-se trazido gigantescos canhões, alguns dos quaes lançam projectis de 500 kilos. E o assalto-monstro é tão bem preparado que, nos primeiros dias, parece irresistivel. As nossas linhas de defesa são tomadas. Os heroicos caçadores de Driant são cercados no bosque do Caures. Os allemães chegam ás zonas em que já não ha trincheiras preparadas. Um posto de brandeburguezes penetra no forte de Douaumont, « pedra angular da defesa ». A cidadella de Verdun fica dominada. Vae, por seu turno, cahir ?

Mas, chegou a divisão de ferro, e logo no seu primeiro arrojo retoma terreno. Atrás d'ella, vem



divisões, em automoveis. Pétain, methodicamente, as envia á lucta, substituindo-as no momento opportuno. « Cumpre viver aqui como sob um martello-pilão », diz um dos soldados. As trincheiras, sob a chuva incessante dos obuzes, quasi desappareceram. Em certos pontos, a terra tem a forma de vagas e assemelha-se a um mar immobilizado. Os soldados rastejam de excavação em excavação. Resistem, repentindo a aria dos lampiões : *Passeront pas, passeront pas.* »

E os allemães não passaram. Todo o terreno por elles ganho á custa de enormes perdas de homens está sendo agora reconquistado. Nós os expellimos para o seu ponto de partida.

Podemos, assim, repetir hoje com orgulho, as palavras de um dos nossos presidentes do Conselho :

« Foi nas nossas bandeiras, e não nas do Kronprinz, que a victoria de Verdun se veiu inscrever ».

Os alemães dirão, mais tarde, que não queriam tomar Verdun nem romper as nossas linhas, porém attrahir a essa saliencia, a fim de destruil-as systematicamente, todas as nossas forças disponiveis e obstar a nossa offensiva na primavera. A batalha do Somma foi a resposta. Viu-se o auxilio que eramos capazes de prestar aos nossos alliados inglezes, desejosos de mostrar, por seu turno, o que se tornára o desprevizel pequeno exercito », do qual Guilherme II zombava em 1914.

Em vão, pudera o inimigo, durante mezes, O Somma. constituir abrigos, multiplicar os labyrinthos de galerias. Nada resiste á intensidade do bombardeamento. A artilharia pesada ingleza despende, então, n'um só dia, maior numero de obuzes do que

a Inglaterra produzira no primeiro anno do guerra. E a avalanche continûa durante successivos dias.

O recúo al-  
lemão.

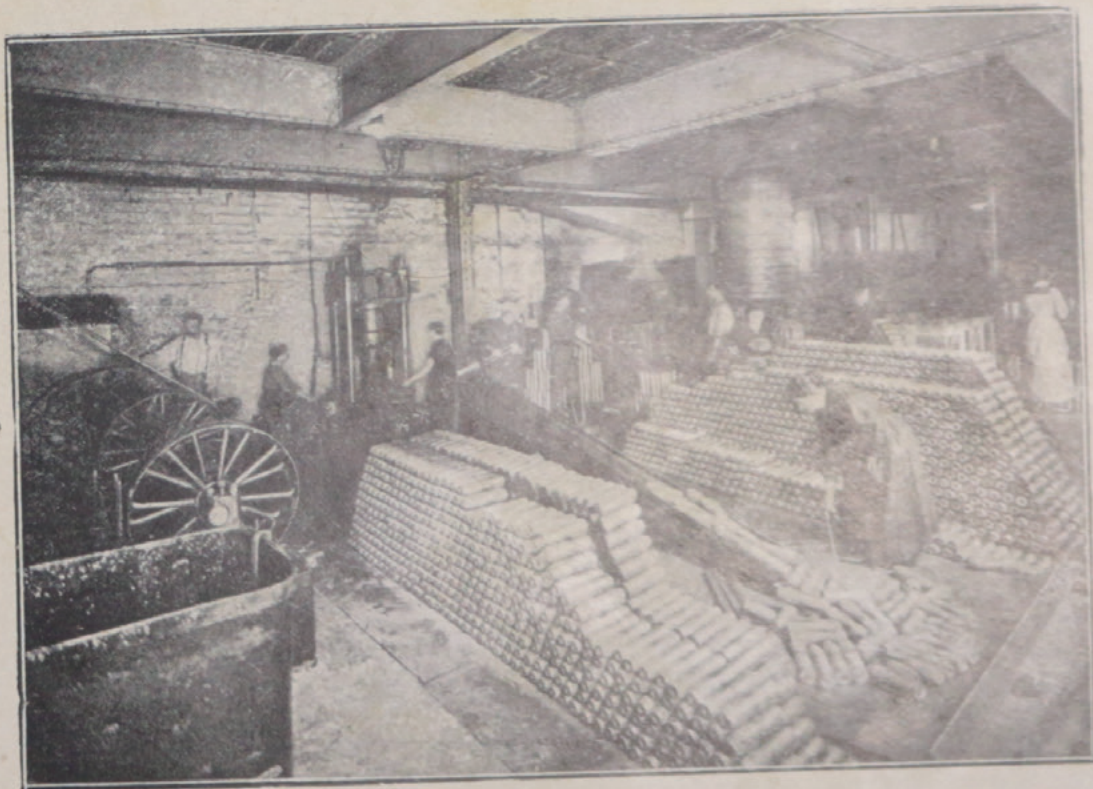
O allemão comprehendeu o aviso. E quando percebeu que a offensiva do Somma ia continuar, ampliada, adoptou o partido de subtrahir os seus exercito a esse formidavel lançamento de obuzes. Decidiu emprehender a retirada. Abandonou Nonoyon, d'onde parecia sempre ameaçar a nossa capital, agora perdida para elle. Deixou cem aldeias, onde se installára como para sempre. Mas abandonando-as, sorateiramente as anniquila, arrasando as casas, enchendo de destroços cada poço, cortando pela raiz as arvores fructíferas. Encarniçamento feroz, em que é permittido vêr, não só o esforço methodico para retardar a marcha das tropas francezas, como tambem a colera de não haver alcançado o seu intento.

Ser obrigado, de facto, a recuar, quando se é o exercito « incomparavel », depois de se haver cantado em todos os tons que a Allemanha devia a sua salvação á offensiva rapida destruidora das forças militares do inimigo! Quando se tornára necessario renunciar a esse plano inicial, os allemães se consolavam, dilatando os territorios conquistados e triumphalmente n'elles se installavam. Cumpria, porém, abandonal-os agora. A unica estrategia possivel era o recúo, passo a passo.

Esse recúo no Somma e no Oise permittiu, sem duvida, aos allemães evitarem uma parte dos terri-  
veis golpes que nós lhes reservavamos. E quando, de novo, entrámos em contacto com elles, tinham trazido, apressadamente, tropas da linha russa. Puderam, abandonando-nos 50.000 prisineiros e mil kilometros de terreno, obstar ainda o rompi-



Verdun em ruínas : à esquerda, no medalhão, o general Pétain



N'uma usina de guerra : fabricação de obuzes de 75



mento da sua linha. O diminuto exito dos seus necarniçados contra-ataques, que não modificam a nossa situação, significa que lhes começam a faltar as reservas, e a guerra de « usure » que elles quizeram, terá a sua conclusão logica.

Avalie-se o caminho percorrido, confronte-se, com o programma e com os principios do grande estado-maior, certo de obter uma victoria rapida e decisiva, o estado de defensiva em retirada a que estão reduzidos os seus exercitos, e comprehender-se-á a immensidade da decepção, da Allemanha. Medir-se-á ao mesmo tempo, o esforço executado pela França.

O exercito alemão condemnado á defensiva, em retirada.

Ella soube, en plena tormenta, com doze dos seus mais ricos departamentos occupados pelo inimigo, forjar as armas que lhe faltavam ; soube com officinas cuja força de trabalho estava quasi reduzida a nada, improvisar a organização industrial, reclamada pela guerra moderna, monstruoso duello do metallurgista, em que cada um procura esmagar o outro sob uma avalanche de ferro.

O esforço industrial da França.

Poude, assim, para cem obuzes fabricados em 1914, fabricar mais de 3.000 em 1916 ; em vez de 100 kilogrammas de polvora em 1914, perto de 300 em 1916 ; em logar de cem metralhadoras em 1914, cerca de 9.000 em 1916. Imaginae o que esse prodigioso accrescimo representa de engenho e de labor, de perfeito accordo entre patrões que a concorrência separava, de perseverança nos operarios e nas operarias dia e noite dedicados á monotoná tarefa.

O heroismo  
do soldado  
Francez,

Por mais grandioso, porém que haja sido, é claro que esse esforço, no sentido de multiplicar armas e munições, teria sido vão sem o heroismo dos soldados de França. A despeito das transformações operadas na guerra pela industria moderna, a ultima palavra caberá sempre á coragem pessoal, a victoria pertencerá a quem resistir melhor e mantiver sob as avalanches o necessario ardor para o decisivo assalto.

O universo sabe hoje que enthusiasmo os nossos soldados têm revelado e com que tenacidade têm sabido resistir. As citações em ordem da dia no boletim dos exercitos constitúe uma epopéa que rivalisa com as epopéas antigas. N'ellas se revelam a energia de que são capazes os homens da nossa raça, a solidariedade fraternal que os une, a alegria que não os abandona nos momentos mais tragicos, a sua bondade mesmo perante o inimigo inexcedivelmente cruel.

Os mais bellos episodios da nossa historia militar têm sido por elles escriptos numerosas vezes em letras de sangue, n'esses vastos campos de batalha.

Os d'Assas.

D'Assas permanece famoso nos annaes da Historia, por ter advertido os seus companheiros d'armas, arriscandõ-se a attarhir a si os golpes dos inimigos que o cercavam. Escutae esta narração. Na Belgica, no começo da guerra, os allemães, atacando uma ponte, não tinham hesitado em collocar, á frente da sua columna, como uma cortina protectora, zua vos prisioneiros. Deante d'esse broquel de carne viva e franceza, os nossos soldados e as metralhadores suspenderam o tiro. Foi então que das fileiras inimigas, um grito, lançado com voz vibrante, se ouviu : « Attirae, mas atirae! »

As nossas tropas atiraram; o feroz e cobarde estratagemas fora inefficaz, mas o d'Assas anonymo succumbira.

Lêde agora esta segunda edição. E' uma citação do jornal official. « Mallier, clarim reservista do 301 batalhão de caçadores. Ferido gravemente desde o começo da lucta, em Tête-de-Faux, na noite de 24 de Dezembro, cae entre o inimigo e a nossa rêde de fio de ferro, a alguns metros das nossas trincheiras; entoou a Merselheza e gritou aos camaradas que não ousavam atirar, temendo atingil-o.

— Que mal ha n'isso? Atirae, atirae... Viva a França!

Cessada a chuva de projectis, respondeu a um camarada que lhe perguntava se ainda vivia.

— Sim, recebi uma das vossas balas, mas não morri ainda. Eil-os que voltam. Estão perto de mim. Atirae. Viva a França!

Morreu, ao despontar do dia, no mesmo logar.»

Do sargento Jiacomini, do 30º de infantaria, poderíamos citar um traço analogo.

Não uma vez, porém muitas, o heroismo de d'Assas foi igualado no nosso exercito de hoje.

Quereis vêr agora a prova da maravilhosa solidariedade que une, entre nós, não só os combatentes entre sí, como tambem os superiores e os inferiores? Recordae-vos de que, segundo a confissão de Maximiliano Harden, a tensão entre officiaes e soldados no exercito francez era uma das causas de fraqueza com que os allemães tanto contavam. A experiencia demonstrou que se illudiam. Solidaridade.

Depois da admiravel façanha de uma bateria que

se veiu installar a alguns metros do castello de Vermeilles, procura-se para condecoral-o, o official que commandava. Estava na ambulancia, junto ao leito de um soldado ferido, a quem concedia os mais affectuosos cuidados.

—E' seu irmão?

— Não, é a minha ordenança.

No Vieil Armand, o « diabo azul » Leriche, ferido na cabeça, foi trazido para as nossas linhas pelo seu tenente. « Obrigado, tenente, disse elle, eu lhe deverei esse favor. »

Alguns dias mais tarde, cercado por um grupo inimigo, o tenente é ferido no peito. De um salto, Leriche acóde, dispersa os assaltantes, carrega o official para trás de um arvored. Volta, depois, a bater-se. Ferido, por seu turno, na espadua, torna ao ponto em que deixára deitado o tenente, e os dois feridos, apoiando-se um ao outro, chegam ás nossas linhas.

#### Alegria.

Depois da fraternidade em acção, eis a alegria e, como diz Gomez Carrillo, o sorriso sob a metralha.

Um caçador a cavallo, ferido n'um dos primeiros combates nos Vosgos, declara : « E' estúpido deixar o theatro, logo ao levantar do panno. »

A' porta de um posto de soccorro, installado n'uma loja um grande obuz rebenta. O medico auxilair grita fleugmaticamente : « Caixa ! Entregue ao freguez um 75 ».

#### Bondade.

Mais eloquente ainda, mais commovedora se revela a bondade na lucta atroz. E' a bondade para com um inimigo de que se conhece a crueldade extrema.

Um habitante de Charmes percorre no seu carro



um campo de batalha, onde os feridos gemem. Só dispõe de um lugar. Pede a um soldado que lhe designe o mais gravemente atingido, que transportará antes dos outros. Um caçador, também ferido, o conduz junto a um soldado que tem a cabeça fendida.

—Mas... é um allemão!

— Que tem isso? Quando estão feridos, não são mais allemães, são homens.

Em rasgos de generosidade como esses reaparece toda a hereditariedade de nobreza moral. Reconhece-se n'isso uma velha raça, ao mesmo tempo altiva e sociavel, capaz de defender a sua independencia com uma energia indomavel, incapaz de chegar á barbaria systematica.

Notemos, aliás, que os sentimentos que aos francezes suggerem as mais recente orientações da sua historia cooperam aqui com as tendencias que elles conservam do seu passado longinquo. E'-nos permittido crer que esses soldados se batem, não sómente como herdeiros de Bayard e de Joanna d'Arc, mas também como filhos de uma democracia que, a despeito de tudo e de todos, tem um precioso patrimonio de conquistas a defender e continúa a querer a paz e a liberdade.

A paz, uma paz que dure, enfim, pela organização de uma sociedade de nações susceptivel de impôr a sua lei ás nações de presa, é o sonho que continúa a encher as noites febris dos nossos « poilus ». E' a guerra á guerra que elles empreendem. Cousa admiravel e talvez unica na historia : os nossos combatentes, que têm mostrado mais audacia e resistencia, talvez, do que qualquer exercito do

A guerra á guerra.

mundo, »mantêm todos, no coração, o horror á guerra.

Os soldados da liberdade.

O horror á guerra é o amor á liberdade. Para avaliar a intensidade que n'elles esse sentimento apresenta, basta olhal-os. Esses olhos claros que não evitam os dos superiores, essa fronte alta, esse torso erecto, essa maneira franca e desembarçada de andar, eis o soldado da liberdade que passa. Um homem assim constituido não se curvará a nenhum jugo. Impossivel será que dobre a espinha deante dos « super-homens »; revolta-os a idéa de poderem ser tratados como machinas. E' por isso que se ergue com tanta decisão contra o « sangrento estandarte da tyrannia » de que falla a « Marselheza, e que ainda uma vez affronta a Europa. E o sentimento de altivez civica que as nossas escolas procuram inculcar nos rapazes, vem fortalecer as virtudes militares da raça.

Na verdade, aqui tambem a virtude se materialisou. As idéas, directoras da democracia, se encarnaram nos nossos soldados.

N'esse sentido ainda, é permittido repetir as palavras do merachal Joffre : « A Republica póde orgulhar-se dos exercitos que preparou. »

A França libertadora.

Se tal é a intensidade do heroismo francez, comprehende-se quanto é importante que os « objectivos de guerra » da França permaneçam claros e puros. Insinuar um pouco de injustiça no espirito dos nossos soldados seria crotar-lhes braços e pernas, romper o encanto, quebrar o impulso unanime de um povo indignado pela aggressão.



A França libertadora : o rei Alberto I conversando com officiaes francezes durante uma das ultimas offensivas victoriosas na Flandres



Na Alsacia libertada pela França ; Vista general de Thann



Mas, tranquillisae-vos. A França em guerra póde affrontar o exame do mundo e, primeiramente, o mais severo, talvez, o de seus filhos. Póde desvendar a todos a sua consciencia. Não se bate para explorar, opprimir, dominar ; bate-se para libertar.

Para libertar o seu sólo, primeiramente, porquanto ainda hoje, o allemão occupa inteiramente uma parte de doze dos seus departamentos. Essas regiões contam-se, precisamente, entre as mais ricas, mais industriosas, mais ferteis da França. Sabe-se com que methodo elle as explorou, saqueou, devastou. Quando não póde mais extrahir o minereo, innunda as officinas de que retira as machinas, transportadas para a Allemanha, onde são vendidas. Ousa, emfim — e é talvez uma das manifestações mais horriveis da sua politica — deportar para um trabalho forçado até as meninas. A Allemanha restabeleceu a escravidão. Como se poderia tratar com ella, que tanto pesa sobre as nossas provincias, de que suga o sangue como uma féra deitada sobre a sua prêsa?

Para libertar  
o seu sólo.

E o que dizemos das nossas provincias, repetimos, já se vê, relativamente á Belgica e á Servia. A philosophia politica da Allemanha difficilmente admittia a existencia de pequenas nações, incapazes, julgava ella, de formar Estados dignos d'este nome. A sua pratica correspondeu á sua theoria.

Para libertar  
a Belgica e  
a Servia.

A essas pequenas nações, grandes pelas recordações historicas e pelas esperanças, ella fez pesadamente pagar o sentimento da honra.

Quem poderia, d'ora avante, dormir tranquillo, antes que a sua integridade fosse restaurada e garantida a sua independencia? Como seriam, porém, seguras essas restaurações e essas garantias,

sem a derrota da Allemanha? Imaginae a situação que os allemães menos annexionistas reservariam amanhã á Belgica. Vedar-lhe-iam ter embaixadores fóra da Allemanha. Fariam inspeccionar o seu exercito pelo Kaiser. Alistariam os seus marinhos na marinha imperial. Apoderar-se-iam dos seus caminheiros de ferro. Em summa, depois de ter calcados aos pés o desventurado paiz, á allemã, de botas e capacete, procurar sentar-se no lar belga e dar todas as ordens, como senhor absoluto. E' o que elle chama respeitar a independencia. Isso basta para avaliar o esforço que a Europa deve ainda empregar a fim de se sentir verdadeiramente libertada.

Não queremos, aliás, expellir apenas das terras hontem invadidas esses senhores tyrannicos, mas tambem d'aquellas que outr'ora foram roubadas. São populações incorporadas a despeito de todo o direito, contra a sua vontade cem vezes expressa, que queremos para sempre libertar.

Para libertar  
a Alsacia-  
Lorena.

Por cima dos oceanos, o longo grito da Alsacia-Lorena vos chegou, sem duvida, aos ouvidos. Já vos foi recordado que, depois de 1871, no momento preciso em que Bismarck exigia — crime inexplicavel, que foi tambem um irreparavel erro — a annexação das nossas duas provincias, os seus representantes solemnemente protestavam. Declaravam nullo o pacto que d'elles dispunha sem o seu consentimento. E desde então o protesto não foi desmentido. Sob cem fórmulas differentes, os annexados têm demonstrado a sua aversão á Kultur prussiana. Ainda na vespera da guerra, os incidentes de Saverne, provocados pela insolencia de um tenente que chamava garotos aos recrutas alsa-

cianos, mostravam o abysmo que separava a alma alsaciana, exaltada pela lembrança da liberdade, e a alma allemã, adaptada ao militarismo. E depois veio a guerra! Mais do que nunca chasquea dos opprimidos. Que testemunhos de dedicação não nos offereceram os infelizes habitantes das provincias disputadas! 18.000 de seus filhos conseguiram transpor as linhas, affrontando todos os perigos, para vir combater nas nossas fileiras. E o total dos annos de prisão em que incorreram, por manifestações de sentimentos anti-allemães, aquelles que permeneceram na Alsacia, hoje se eleva a 5.000.

Tinha, pois, razão o embaixador do rei da Prussia Schmettau que em 1701, advertia o seu soberano, em quem já se revelára a ambição de conquistas : « Mesmo conquistada, a terra da Alsacia, cobrirá sempre um braseiro de amor pela França ». O fogo está sempre latente ou, antes, arde, mais do que nunca. O braseiro tornou-se uma fogueira, a fogueira preparada pelo odio allemão, em que os sobreviventes da Alsacia-Lorena se deixam queimar, corpos e bens, para illuminar o mundo.

Assim, se a Alsacia-Lorena não foi, como demonstrámos, a *causa* de guerra, é hoje, nós o proclamamos, um dos nossos *objectivos* de guerra. A volta das duas irmãs ao seio da patria é, para os penosos sacrificios que nos foram impostos, a primeira compensação que exigimos. Da catastrophe que não procuramos, queremos-nos, a todo o custo, aproveitar, para obter essa restituição. O aggressor de 1914 dilacerou, brutalmente, o tratado que o vencedor de 1870 dictou. Rompeu o pacto de paz. Por culpa sua e não nossa, a questão da Alsacia-Lorena novamente se formúla. Queremos que ella seja, d'esta vez, resolvida, e de uma maneira defi-

nitiva, de accordo com os direitos solemnemente declarados e com a vontade cem vezes manifestada des populações, isto é, de conformidade com a justiça.

**O principio  
das nacionalidades.**

Notaes que, indicando assim a nossa resolução, não defendemos apenas irmãos que nos são duplamente caros ; defendemos um principio. Desdenhar a causa da Alsacia-Lorena não seria sómente abandonar ao seu martyrio victimas innocentes e heroicas ; com ellas, uma idéa, de que desejamos o triumpho, porquanto é nossa, ficaria para sempre olvidada. E' a idéa de que todos os povos devem dispôr de si mesmos, é o principio das nacionalidades livremente consentidas, proclamado, ao mesmo tempo que os direitos do Homem, pela Revolução Franceza.

Principio proclamado, desde então, mas não reconhecido ainda por todas as nações, não imposto pela maioria d'ellas aos refractarios, porquanto, ainda hoje, um dos males de que soffre a Europa, é precisamente o desconhecimento d'esse principio. Escutae, após o protesto dos alsacianos-lorenos, o dos italianos de Trento e de Trieste, o dos slavos ou rumenos da Austria-Hungria. Todas as populações martyres esperam com impaciencia a libertação definitiva. E as suas proprias revoltas nos advertem de que só haverá paz duravel para a Europa, quando for solemnemente reconhecido aos povos o direito de disporem de si mesmos e quando uma sociedade das nações, devidamente constituida, estiver prompta a punir aquellas que ainda o quizerem ignorar.



Mas, para que se veja o reinado no direito internacional, para que se realice a libertação das nacionalidades oprimidas, cumpre, primeiramente, que no interior das nações destinadas a formar uma sociedade nova, novos elementos de liberdade sejam adquiridos. Cumpre que os governos se premunam contra as tentações do espirito de conquista, pela constante vigilancia dos povos. O presidente Wilson deixou entrevêr essa necessidade nas suas celebres mensagens e as idéas do presidente-jurista concordam, n'esse ponto, com o sentimento da immensa maioria do nosso povo. Obedecendo á logica impulsão da sua historia, elle considera o progresso do direito internacional como ligado ao progresso da democracia. Por toda a parte, tornem-se os povos seus proprios senhores, e a guerra será quasi irrealisaval.

Direito inter-  
nacional e  
progresso  
democrático.

Compreende-se, desde então, o problema que fica formulado pela França libertadora.

Através d'essa larga estrada da democracia, em que ella desejaría vêr todos os governos, approximados, pela vontade dos povos, está erguido um bloco de ferro e de orgulho : é a Allemanha prussianizada. Ahi, uma dynastia, auxiliando um triplice estado maior de militares, de industriaes e de professores, achou o meio de mecanisar um povo inteiro. D'elle fez uma formidavel machina de guerra, da qual se quer utilizar para impôr a sua vontade ao resto do universo.

Que fazer para salvá-lo d'esse jugo odioso?

Ah! se esse povo se pudesse libertar ; se, medindo o abysmo a que os seus senhores o conduziram, usando alternativamente do ether e do chicote, elle lhes quizesse impor a sua vontade ; se, em uma palavra, a Allemanha se tornasse, por seu

turno, uma democracia livre e ativa, que allivio universal!

Ao nosso povo apraz, certamente, ter essa esperança, que lhe permite fazer a distincção, conforme as suas tradições, entre o « palacio » e a « choupana » ou o « atelier », entre o governo e a nação. Mas, é-lhe forçoso reconhecer que a relização d'esse desejo se afigura longinquo. Vê-se obrigado a convir que, orgulhoso como outras raças, o allemão é servil perante os seus proprios senhores. Para que se resolva a castigal-os, cumprirá, sem duvida, que a derrota lhe mostre a verdade.

A Allemanha de hoje á uma pyramide de orgulho : só veremos, provavelmente, as camadas inferiores em revolta contra as superiores, no momento de um cataclysmo nacional. Só a lição da força restituirá á Allemanha, se ella o tiver de recuperar um dia, o gsoito da liberdade, ao mesmo tempo que o reconhecimento do direito.

A França  
deve ser vic-  
toriosa.

Por isso, se a França quizer desempenhar o seu papel de libertadora, cumprirá, primeiramente, que seja victoriosa.

Possa ser auxiliada e apoiada, na rude tarefa que lhe resta executar, por todos os idealistas do mundo !

Pacifica, heroica, libertadora, ella se apresenta com altivez perante o vosso julgamento. Offerecendo á sua causa os vossos suffragios e o vosso apoio, não cedeis unicamente ao obscuro instincto de raça ; obedeceis tambem á clara exigencia do vosso mais elevado ideal.

---



---

— IMPRIMERIE —  
HENRI DIÉVAL  
PLACE DES VICTOIRES  
— — PARIS — —

---